

mudar a



vida

publicação do graal

18.
JUNHO 1979

- *um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo*
- *um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade*
- *um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos*



PROCURA DO SAGRADO

RETORNO AO ESPIRITUAL

O último quartel do século XX poderá vir a ser um dos períodos de maior espiritualidade na história do mundo ocidental e mesmo na história global da humanidade.

A uma escala totalmente inédita, durante os últimos séculos, o sagrado parece irromper, de mil maneiras, no mundo dos nossos dias.

E isto porquê? As recentes conquistas tecnológicas, durante algum tempo consideradas como a realização humana suprema, quase divina, são hoje olhadas no seu aspecto destruidor. As pessoas começam a dar-se conta de que o dinamismo da vida humana reside, em última análise, não na esfera da técnica mas no domínio do espiritual, mesmo quando este não é explicitamente reconhecido.

O motor da técnica é, aliás, não-tecnológico. Todo o progresso moderno se baseia em sonhos e aspirações que são, simultaneamente, míticas e místicas. O mito ocidental de um reino escatológico está na base da nossa adesão crescente ao modo industrial de vida, concebido como a via que nos conduzirá a uma transformação paradisíaca da terra. Esse mito concedeu à era que acabamos de atravessar não só eficácia prática mas também significado salvífico. Foi ele que tornou possível o esforço heróico, a dedicação intensa e o empenhamento persistente requeridos por uma tão gigantesca aventura.

Confrontados agora com a devastação da Terra e com a ameaça de um impasse na organização da vida social, experimentamos a necessidade de novos modos de viver, de novos valores, de novas formas de abordarmos o mundo interior e exterior, de novas manei-

ras de nos situarmos no espaço e no tempo. A experiência de um modo de ser transcendente, espiritual, começa a atrair-nos ao nível mais profundo do nosso ser.

Não que essa experiência seja feita dentro dos contextos religiosos tradicionais. Ela é demasiado vasta e demasiado envolvente para se deixar conter dentro de esquemas pré-estabelecidos. Situa-se para além daquilo que é habitualmente considerado a esfera do religioso, mergulhando as suas raízes em formas de religiosidade hoje consideradas arcaicas. O fenómeno religioso é assim concebido não só em termos de interioridade, mas também em termos de eficácia. Nele está a fonte da criatividade espiritual que se revela em todas as fases da vida.

Assim entendida, a espiritualidade não é apenas um movimento interior; é a própria energia vital. Dos três elementos de base da vida religiosa — fé, culto e espiritualidade —, é neste último aspecto que hoje se concentram a maior procura e interesse.

Este retorno à experiência interior tem sido consideravelmente estimulado por influências vindas quer do mundo asiático quer das tradições animistas de povos tribais. Para além dos antagonismos tradicionais, as diferentes formas de percepção religiosa iluminam-se mutuamente e contribuem, cada uma à sua maneira, para a riqueza da tradição global, multiforme, da humanidade. A consciência de que os diferentes modos de experiência espiritual não se excluem, antes convergem, será uma das grandes aquisições da futura consciência universal.

NOVO FUTURO E NOVO PASSADO

O futuro que está diante de nós será um período de retorno ao nosso eu mais profundo, ao mundo dos arquétipos que influenciam a nossa maneira de ser e de estar. Uma das funções desempenhadas pela moderna psicologia do inconsciente é precisamente a de preparar a sociedade contemporânea para esta viagem mítica às raízes do passado e do futuro. Dessa viagem surgirá o **novo passado** e o **novo futuro**; futuro que será simultaneamente ultra-moderno e ultra-antigo, dado que futuro e passado comungarão ao nível mais profundo da nossa consciência.

De facto, o futuro novo que antecipamos não poderá alimentar-se das actuais formas de experiência religiosa, a tantos títulos vazias de sentido; terá de enraizar-se na comunhão original com o sagrado. A crescente complexificação da vida a que hoje assistimos tenderá a acentuar-se no futuro e exigirá como suporte uma experiência religiosa profunda, alicerçada nos fundamentos mais remotos da consciência espiritual.

Ora, uma das características da religiosidade primitiva é, precisamente, o seu carácter difuso e omnipresente. Trata-se de um élan que penetra todas as esferas da vida. Não é, pois, de admirar que também no nosso tempo a religião tenda a invadir a vida toda. Em todas as ciências e em todas as profissões se revelam sinais de um crescimento da consciência espiritual. A medicina toma consciência de que a cura de um ser humano é mais do que um simples processo físico; requer comunhão com os poderes cósmicos e espirituais. Os estudos linguísticos, o física teórica e a expressão estética, revelam cada vez mais a consciência de que toda a realidade tem uma base espiritual. Na psicologia, na antropologia, na educação e mesmo no direito, estão a desenvolver-se correntes humanistas que se orientam para o confronto e a comunhão com a ordem transfenomenal das coisas. As próprias tradições religiosas, que durante algum tempo pareciam ter perdido a sua qualidade espiritual, começam a reencontrar a verdadeira profundidade da experiência religiosa.

Estas novas manifestações da ordem sagrada das coisas são ainda hoje consideradas marginais, por vezes até extravagantes. Existem, porém, pequenos sinais de uma nova visão, ao nível da passagem da consciência individual à consciência cósmica. Os conceitos de uma nova ordem política, uma nova ordem económica, um mundo em que as forças da vida se sustentam mutuamente dentro de um quadro ecológico equilibrado, correspondem a uma nova forma de consciência, segundo a qual seremos convidados a ultrapassar as nossas lealdades particulares e a experimentar a qualidade pan-humana da vida.

Quaisquer que sejam as formas específicas que a experiência religiosa venha a assumir no futuro, a dimensão cósmica constituirá certamente um elemento fundamental. O facto de nos encontrarmos hoje pró-

ximos de uma destruição radical da terra, enquanto lugar de habitação das formas mais elevadas de vida, é fruto de termos limitado o nosso horizonte ao imediato e ao particular, esquecendo as consequências mais amplas dos nossos actos. Por isso, a fase destruidora do processo tecnológico só poderá ser detida por uma fase espiritual, na qual nos reconciliaremos connosco próprios, com a Terra e com os mistérios mais fundos da realidade.

UM NOVO PODER

Urge fazer eclodir um novo poder religioso, poético, revolucionário.

Urge mergulhar nas raízes do passado, aprofundar a compreensão do presente, evocar a visão de um futuro novo.

Urge activar os vastos recursos humanos capazes de actualizar a transformação do mundo para a qual fomos criados.

Thomas Berry

*in «Future forms of religious experience»
texto policopiado, 1975*

O VAZIO RELIGIOSO

As convicções absolutas são hoje cada vez mais raras, mesmo nos círculos considerados «religiosos». Não há, certamente, nenhuma camada social, e deve haver poucos indivíduos que, influenciados pela educação moderna, não se sintam atingidos por um certo número de dúvidas.

Ao longo do século passado, a autoridade científica substituiu, gradualmente, a autoridade religiosa na imaginação popular e, como resultado, o cepticismo generalizou-se cada vez mais.

A consequência imediata desta generalização foi o surto de uma vaga de inquietação e de depressão profundas. A nossa época é uma época de frustração, de angústia, de agitação. Por toda a parte somos convidados a aproveitar das coisas enquanto podemos e a tentar ignorar a impressão de que tudo é vão e vazio de significado. Refugiamos-nos então na «droga» que é para nós a procura de um elevado nível de vida, procura de estímulos fortes e complexos para os nossos sentidos, acabando por os des-sensibilizar. Vivemos sequiosos de distrações, de imagens, de sons, de emoções que pretendemos gozar ao máximo, no mínimo de tempo.

Para manter este nível de vida, a maior parte de nós organiza a sua existência vergando-se sob um



trabalho maçador, a fim de ganhar suficiente dinheiro para vencer o aborrecimento, e entregando-se, em intervalos cíclicos, a prazeres trepidantes por mais dispendiosos que sejam.

Não se trata de uma caricatura. É a realidade pura e simples de milhões de vidas — realidade de tal modo banal que nem vale a pena demorarmo-nos a analisá-la.

Face a ela são possíveis, à primeira vista, duas atitudes: ou procuramos ressuscitar um velho mito perdido e colocamos nele a nossa segurança, ou dizemos, de uma vez por todas, que a vida é «uma história de loucos», que devemos aproveitar ao máximo, antes de regressar ao nada.

Acontece, porém, que não são estas as únicas soluções. Mesmo reconhecendo que a ciência não nos fornece nenhuma razão para acreditarmos em Deus, na imortalidade da alma ou em qualquer outro ideal absoluto, é possível descobrirmos que existe uma maneira totalmente nova de viver, sem termos que recorrer a falsas crenças e sem nos deixarmos tomar pelo desespero. Para tal, importa apenas que aceitemos uma revolução completa dos nossos modos habituais de pensar e de sentir.

O que há de extraordinário nesta revolução é que ela nos revela a verdade escondida por trás dos mitos da religião e da metafísica tradicionais. Ela não parte de crenças; parte de realidades tangíveis que correspondem, de maneira inesperada, às ideias de Deus e de vida eterna. Ora a realidade que corresponde a Deus e à «vida eterna» é franca e leal, tão simples, tão aberta aos olhos de todos. Para a entrevermos basta libertarmos-nos da opacidade das crenças — crenças em Deus ou crença no ateísmo — para abriremos os nossos olhos à luminosidade da fé.

DA CRENÇA À FÉ

É preciso distinguir claramente entre a crença e a fé, pois, tomada na sua acepção comum, a crença designa um estado de espírito que é quase o contrário

da fé. A crença estabelece verdades rígidas e só aceita a realidade na medida em que ela estiver de acordo com essas verdades. Pelo contrário, a fé é uma abertura sem reservas do espírito à verdade, qualquer que ela seja. A fé não se deixa embarçar por nenhum preconceito; é um mergulho no desconhecido. A crença imobiliza; a fé deixa partir livremente.

Quase todos nós acreditamos em alguma coisa, a fim de nos sentirmos em segurança, a fim de que as nossas vidas individuais nos pareçam revestidas de valor e de significado. A crença tornou-se assim como que uma tentativa de nos agarrarmos à vida, de a retermos para nós. Ora não podemos compreender a vida e os seus mistérios enquanto nos esforçarmos por a reter, da mesma maneira que não podemos transportar um ribeiro num balde. Se tentarmos encerrar água corrente num balde, ficaremos sempre desiludidos, porque num balde a água deixa de ser corrente. Para termos água corrente temos que a deixar seguir o seu curso.

O mesmo se passa com a vida e com Deus. A fase actual do pensamento e da história humana favorece um certo «deixar correr», fruto do desabar das crenças onde procuráramos a nossa segurança. Ora este desaparecimento das antigas certezas que nos asseguravam a salvação não é, de modo algum, uma catástrofe. É antes uma bênção. Força-nos a olhar a realidade de frente, com o espírito aberto. Não podemos conhecer Deus senão com um espírito aberto, do mesmo modo que não podemos ver o céu senão através de uma janela clara e não de um vidro pintado de negro.

Os espíritos «religiosos» que se recusam a arrancar a camada de pintura sobre o vidro, que desconfiam e temem a atitude científica e confundem a fé com o apego a certas ideias, permanecem estranhamente ignorantes das leis da vida espiritual. Com efeito, um estudo atento das religiões e espiritualidades comparadas demonstra que o abandono das crenças, entendidas como refúgio para escapar à finitude e à mortalidade, é uma etapa lógica e natural da vida do espírito.

DEMASIADO HUMANO?

Receais que eu seja humano, demasiado humano? Desconfiai desse receio: por essa via, podereis derivar para o desumano, acreditando que assim vos aproximais de mim, ou mesmo que falais em meu lugar.

Engano total.

Se quiserdes estar próximos de mim, tornai-vos tão humanos quanto possível. É essa a vossa maior proximidade.

Porque a minha distância está para além de toda a distância que vos é dado criar ou compreender.

*Permanecei, pois, no vosso lugar.
É aí que Eu estou.*



Maurice Bellet

*in «Le lieu du combat»
Desclée, Paris, 1976*

MORTE DA IMAGEM DE DEUS

Há muito que sabemos que a salvação passa pela morte da forma humana de Deus. O que frequentemente esquecemos é que a forma humana de Deus não é apenas Jesus Cristo; são todas as representações, ideias e crenças no absoluto que ocupam o espírito dos homens. Tal é o verdadeiro significado do mandamento: «Não gravarás nenhuma imagem do que está nos céus, não te inclinarás diante dela, não a adorarás».

Para atingirmos a realidade última da vida — o absoluto, o eterno, Deus — temos que deixar de a cristalizar sob a forma de ídolo. Ora os ídolos não são apenas imagens brutas, tais como a representação imaginária de Deus sob os traços de um ancião sentado num trono dourado. São também as nossas crenças, os nossos preconceitos favoritos da verdade, na medida em que se opõem à abertura sem reservas do nosso espírito e do nosso coração à realidade. A única função legítima das imagens é a de exprimirem a verdade e não a de a deterem.

Assim foi sempre nas grandes tradições orientais, tais como o budismo, o induismo, o taoísmo. E assim foi também na tradição cristã, tal como ela nos é apresentada através da história e dos ensinamentos de Cristo. A sua vida inteira foi, do princípio ao fim, a expressão da sua aceitação total da insegurança: «As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde deitar a cabeça».

Este princípio torna-se ainda mais evidente quando consideramos a natureza divina de Cristo no sentido mais ortodoxo do termo: enquanto encarnação particular e única de Deus. De facto, a mensagem fundamental da vida de Cristo é que esta imagem fiel de Deus se torna fonte de vida no momento em que se de-

sagrega. Aos discípulos que procuravam agarrar-se à sua divindade, tal como ela se apresentava na forma da sua individualidade humana, ele explicou: «Enquanto o grão de trigo não cair na terra e não morrer, permanecerá estéril. Mas se morrer será portador de fruto». Foi nesse mesmo espírito que mais tarde lhes disse: «É bom que Eu desapareça, porque se Eu não desaparecer o Espírito não poderá descer sobre vós».

Estas palavras aplicam-se mais do que nunca aos cristãos e adaptam-se perfeitamente à nossa época. Ao ignorarmos o sentido verdadeiramente revolucionário que elas contêm, desprezamos a incrível verdade segundo a qual a chamada «visão de Deus» só se obtém quando abandonamos as nossas crenças numa qualquer ideia de Deus. Segundo esta mesma lógica, que é o inverso da nossa, o caminho para descobrirmos o «absoluto» e o «infinito» não é esforçarmo-nos por escapar ao mundo finito e relativo; é aceitarmos totalmente os seus limites. Por mais paradoxal que pareça, só nos é dado encontrar um sentido para a vida quando tomamos consciência de que ela é totalmente despida de objectivo e só conhecemos os «mistérios do universo» quando estamos intimamente convencidos de que nada sabemos sobre eles.

A multidão dos agnósticos, dos relativistas e dos materialistas não conseguem entender o que isto significa, porque se recusam a levar até ao fim a lógica dos seus próprios pensamentos. Abandonam demasiado cedo a sua fé, a sua abertura de espírito, face à realidade, e acabam por se deixar cristalizar em teorias acabadas. Ora a descoberta do mistério de Deus, dessa maravilha superior a todas as maravilhas, não exige nenhuma crença. Basta abrir os olhos do espírito e a «verdade surgirá».

Alan Watts

in «*Bienheureuse insécurité*»
Stock, Paris 1977 (adaptação)



NÃO ME ENCONTRAREIS *

Não me encontrareis nas imagens que fabricais, nem nas estrelas, nem nas feras que ame-drontam os vossos sonhos, nem no mar, nem no céu.

Não me encontrareis nos vossos pensamentos. Nem na acção, nem no dom, nem no élan do coração.

Não me encontrareis nas vossas renúncias — a carne crucificada, a abstinência, a disciplina dura, o chicote, o jejum, o celibato, o ermitério no fundo das florestas.

Não me encontrareis nas vossas obras. Nem mesmo na construção do mundo novo, da cidade justa, do homem universal.

Não me encontrareis no silêncio, na grande noite, no zero, no nada, no abismo, no inefável.

Não me encontrareis na negação, na grande recusa, na destruição violenta do que está para além. Nem no esquecimento.

Não me encontrareis — será preciso dizê-lo? — no santuário. Não me encontrareis no templo, no túmulo vazio, nas cerimónias, no êxtase sagrado.

Não me encontrareis.

Maurice Bellet
ibidem

Publicação mensal. Assinatura anual: 100\$00; estrangeiro 180\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes.

Propriedade e administração: GRAAL — Al. S.^o António dos Capuchos, 4, 5.^o, Lisboa. Composição e Impressão: Silvas — Coop. de Trab. Gráficos, scarl.